

## CRIANÇAS

Marcos Vinícius Almeida é mestrando em Literatura e Crítica Literária na PUCSP, bolsista Fapesp e membro do Grupo de Pesquisa “O narrador e as fronteiras do relato”. E-mail: mvalmeida.7@gmail.com

Os três meninos agarrados na barra da saia de Diná Preta observam os escravos descerem os corpos na cova. Não entendem o que se passa. Alma. *Outra vida*. Mesmo que pudessem reconhecer as palavras, e pudessem repetir as palavras – ainda não cabiam nas cabeças miúdas daqueles pequenos.

Tinham se acostumado com a tosse do pai, a porta do quarto da mãe sempre fechada, sem forças para se levantar da cama. Moribunda, foi o que Januário ouviu os escravos comentarem. Lembrava bem dos lençóis manchados de sangue que Diná Preta estendia no varal. Da fumaça temperada dos chás, infusões, bacias cheias de ervas frescas sobre a cozinha da fazenda – as garrafadas do mestiço Bité. E o negro Turuna botando fogo em cobertas e nos vestidos todos da mãe. O que nunca souberam: momentos depois de ver a mulher amanhecer morta, o pai tinha bebido uma dose de pinga e depois esticado uma corda no esteio do rancho e saltado no vazio. Turuna viu tudo de longe e contou a história ao pároco Simão.

O padre joga a água benzida e pronuncia rezas em uma língua que parece um canto sem sentido, embora os meninos imitassem eles mesmos aqueles sons em brincadeiras escondidas no fundo da senzala – onde benziam e eram benzidos pelos moleques negros. Fora os escravos, os três meninos e o padre, o enterro de Joaquim Garcia Leal e Maria Tereza Garcia Leal contou com a presença do capitão de ordenanças Tomás Ribeiro de Andrada, designado a confiscar os bens da família Garcia, além de decidir o destino das crianças. Diná Preta dissera algo sobre cobranças, dívida, o pai deles tinha morrido sem deixar a eles nem um pé de limão.

Os escravos terminam de jogar terra sobre os corpos, o padre Simão e o capitão Tomás se afastam, conversam por poucos minutos. Januário vê o capitão falar com tranquilidade, com o braço sobre o ombro do padre, que balança a cabeça concordando com aquelas palavras.

Os meninos se agarram a Diná Preta, mas o padre e os dois escravos os arrastam até a carroça. O mais novo, João, escapa dos braços do escravo e quase alcança a mata, mas então para e olha para trás. É capturado e jogado com os outros irmãos. A carroça do padre segue no rumo da vila. Diná Preta se deita no chão.

Vadios e escravos e soldados cobrem a rua. Duas dúzias de crianças naquela casa de expostos sob a tutela do padre. Alguns deixados ainda bebês, índios mestiços e mulatos filhos de senhores abastados que queriam despachar as crias para longe da vista. Entre as crianças um casal de gêmeos albinos – ao que tudo indicava, tinham sido lançados no rio pelos coroados que viviam mais adiante na mata. Talvez como oferenda a Nhamandú. As lavadeiras toparam com a canoa e trouxeram as crianças até a casa de Simão. Ele as acolheu e batizou a menina como Maria e o menino como Moisés. Mamaram nas tetas das pretas e cresceram fugindo do sol. Andavam sempre juntos e agarrados como dois sobreviventes de alguma nação ancestral numa terra estrangeira. João estranhou aquelas crianças e se agarrou a Januário e Salvador. Nunca tinham visto gente daquele tipo, cor de leite. Ao saber que ia dormir no mesmo quarto que aquelas

criaturas, destampou a gritar e correr e o padre teve que amansá-lo no chicote. E que tipos de sonhos a cabeça daqueles meninos maquinou naquela noite era algo de se espantar.

Aqueles dois miúdos vestidos com trapos cinzentos ao redor da grande mesa de madeira. Enfiavam a colher no grude de mandioca que a velha Jacinta despejava aos trancos no prato. Januário tinha fome e sentou-se e comeu e Salvador não foi diferente. Mas João outra vez parou sob o batente prostrado como se tivesse visto um fantasma. O lugar que sobrava era ao lado dos brancos. Padre Simão, rodeado por queijos e frutas, levantou-se enfezado e ainda mais enfezado catou o menino pelo braço e o sentou à força. O rastro de urina escorreu do banco e caiu sobre o assoalho. Menino estorvado. Enquanto os outros miúdos brincavam lá fora, João esfregava as tábuas. No catecismo do padre, Januário reencontrou João. Trocaram olhares em silêncio. E quando não estavam calados, repetiram salmos e rezas e estremeciam os corpos com o fato de que Deus nosso senhor tudo sabia, podia, podia olhar dentro das cabeças e vigiar cada um de seus sonhos.

Sem Deus o homem é pura carne, dizia o padre. E a carne apodrece e serve de banquete aos seres mais vis dessa terra. Mas alma é um sopro. E nem a flecha nem a espada pode cortar o vento.

\*\*\*

Enquanto trocavam pancadas com taquaras de bambu e porretes, no terreiro da casa, Januário ouviu um assovio. Interrompeu a brincadeira e rasteou o cercado de um lado a outro até que num daqueles buracos viu os olhos brancos da escrava Diná.

Mãe Preta!

Guarda a língua, moleque, disse Diná. Esconde esse saco. Divide.

O padre saiu para atender confissões e dar conselhos e eles se meteram no paiol de milho e ali enfiaram pedaços inteiros da broa à seco na boca. Embuchados e tossindo e com os olhos vermelhos.

Mãe Preta podia de vir pra cá, disse João. Fazia muita broa.

Mas Januário e Salvador estavam de boca cheia e com fome e apenas balançaram a cabeça e continuaram comendo.

Durante os dez anos que eles ficaram sob a tutela do padre, ao menos uma vez por semana Diná Preta aparecia no buraco do cercado com broas e quitandas. Nalgumas vezes trazia laranjas frescas e mexericas miúdas de sementes miúdas que por infinitas vezes Salvador tentou germinar – em vão. Diná Preta contou naquele buraco que agora quem tomava conta de tudo era um orelhudo enfezado, um tal de Valério. Metia o porrete por nada e também por nada deixava de bater. Naquele buraco Diná Preta também contou que tinha pedido ao padre que a comprasse, mas o padre Simão dissera que tinha pretas demais naquela casa. De uma hora para outra ela deixou de vir. O buraco era só um buraco. Os meninos rodearam e vigiaram por uma semana, enfiando a cara lá dentro e topando com pernas de gente e de cavalos zanzando pela rua. Foi aí que resolveram fugir.

Os brancos Maria e Moisés perceberam a arrumação. Eram mais velhos e mais espertos e vinham há algum tempo roubando uma moeda por vez dos tesouros do padre.

Tinham um pequeno saco cheio de lascas de prata e de bronze e três ou quatro lascas de ouro. O único problema era Jacira, que acordava por nada. Sua tosse rouca e seus pés pesados vergando as tábuas do assoalho enquanto pitava um cachimbo na alta madrugada.

E foi na alta madrugada que os moleques abandonaram o quarto na ponta dos pés. Roupas enroladas dentro de cobertores também enrolados como tubos e amarrados com cordas. Três dessas peixeiras usadas para matar frangos e desossar porcos – surrupiadas da cozinha. Saíram pela janela e no quintal escalaram o cercado. Januário foi o último a subir. E antes de saltar do outro lado – o vulto corpulento de Jacira empunhado uma lamparina na porta da cozinha. Ele hesitou por um tempo encarando a mulher. O padre os castigaria como castigava os pretos, nesses casos de castigo ele batia com justiça. Mas então a mulher ergueu a mão, num sinal de despacho. Januário deixou o corpo cair.

Evitaram a todo custo a luz das tochas e os próprios soldados. Caçando os cantos mais escuros sob as marquises até mergulhar na mata fechada. Um bando de gnomos malignos de repente cuspidos d’algum buraco no interior da terra.

Um mundo de pontos de luz acomodados naquele céu – a arrumação sempre impressionava mais que o número absurdo de estrelas – inevitável supor a mão de Deus. Naquela hora da noite e tão longe da vila, eles sabiam que além de espectros e onças o problema maior eram andarilhos entocados na mata. Mas como estavam em cinco, e empunhavam peixeiras, imaginaram confrontos de vida e morte nos quais saíam vencedores e ilesos, e ainda mais corajosos, caminhando sobre a barrigada daqueles desgraçados sem nome caídos no chão. Seguiram escutando os próprios passos até dar na cerca de fazenda.

\*\*\*

O capitão Tomás tinha visto muita coisa nesse mundo. Mas sua cabeça estremeceu quando entrou na fazenda. Os cachorros tinham sido empalados pela boca, meia dúzia de carcaças daquilo que talvez fossem homens era roído pelos porcos. As tábuas dos currais arrancadas e os donos da fazenda crucificados, completamente nus. Vísceras enfiadas na boca e os pés mutilados e caídos no chão, já roídos por urubus. Capitão Tomás sacou sua arma e atirou no rumo das aves. Elas voaram e pousaram no alto da casa. O sol resplandecendo num céu claro e opaco. Capitão Tomás pensou em recarregar a arma. Mas de nada adiantaria. As aves não se moveram mais. Ficaram ali bicando as próprias asas, respingadas de sangue, esperando a hora de voltar a comer.